

AINDA A IMIGRAÇÃO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Em artigo anterior, respondendo a grande escritora Rachel de Queiroz, que, em sensacional reportagem, queixava-se das delicadezas tributadas aos emigrantes húngaros na Ilha das Flores, como se fossem roubadas aos paus de arara, procuramos mostrar que o imigrante não toma, o lugar, não prejudica, não lesa o nacional. Ao contrário, vem ajudá-lo. Citando diversas passagens dos trabalhos de Fernando Carneiro, e recomendando a leitura integral para melhor formação de um juízo, procuramos mostrar o aspecto utilitário da generosa política imigratória. E' bom para o Brasil, e portanto para os brasileiros mais desamparados, que venham homens de uma cultura mais experimentada nos trazer um fermento de civilização e de humana atividade. Com essa transfusão haverá soerguimento da vida humana neste paciente, ou melhor neste apático Brasil. A experiência prova que a imigração tem sido benéfica, e que os índices de progresso, em nosso território, acompanham de perto com eloquente correlação os índices de corrente imigratória. A idéia de contrapor à imigração o zelo pelo brasileiro desamparado embora pareça justa e verdadeira num exame superficial do problema, é na verdade uma idéia infeliz. Com a mesma dialética, poderíamos contrapor muitas outras despesas, se precisarmos exibir ressentimentos de raça e preconceitos nacionalistas. Poderíamos, por exemplo, contestar a utilidade do que se gasta com o Observatório Astronômico ou com o Conservatório de Música. Mais razoavelmente, poderíamos reclamar a verba consumida pela alfafa dos cavalos do exército, e ainda mais razoavelmente poderíamos reclamar, para os infelizes nordestinos, as verbas fantásticas consumidas nos caprichos presidenciais. Mas a última coisa do mundo que razoavelmente se pode reclamar, em favor dos desamparados do norte, é o que se gasta com os imigrantes. Porque justamente é a imigração que nos dá uma correlação mais direta e mais nítida com os problemas humanos dos paus de arara. Os problemas sociais e culturais não podem ser tratados com a comumente simplicidade que se vê na reportagem de Rachel de Queiroz. As interações são ricas e complexas. Nós poderíamos enveredar por uma longa digressão para mostrar que um Observatório Astronômico contribui para a elevação do nível do homem do campo. Poderíamos fazer o mesmo raciocínio para provar o valor, a eficácia cultural de uma academia, de um concurso de piano, ou de um campeonato de xadrez. Mas de todos esses fenômenos, o que mais diretamente se relaciona

com a sorte do homem do campo é justamente aquele em que a ilustre escritora viu a competição.

Torno a dizer que o imigrante é desejável porque é útil; mas não é só por isso que é desejável, porque não é só da utilidade que vive o homem e vivem as nações, nem é somente em termos de interesse próprio que se devem traçar as diretrizes nacionais ou pessoais. O mundo do homem não se divide em regiões demarcadas por cortinas de ferro e muito menos se pode dizer que uma nação constitua um todo fechado com uma espécie de habitante exclusivamente produzido por seu especial território. A história e a moderna ciência do homem nos ensinam que os povos, que constituem hoje denominada nacionalidade, não são frutos da terra e sim peregrinos; e sim imigrantes que por alguns séculos acampam numa região geográfica, falam uma língua e vivem dentro de uma unidade política e cultural. Desse caráter peregrino dos povos não tiramos a conclusão de que não tenha fundamento a virtude do patriotismo, como também do caráter efêmero da vida pessoal. Não podemos inferir que não temos deveres de estado ligados ao hic et nunc de nossa situação. O que não podemos concluir é que uma nacionalidade se conceitue em termos radicais, em termos naturalistas que excluam os outros povos. No turbilhão de coisas negativas e doidas de nosso século há um dado positivo que basta para torná-lo grande e glorioso: a crescente tomada de consciência dos valores universais da solidariedade humana. Mais do que nunca, o homem de hoje sente que pertence a uma imensa comunidade; mais do que nunca, o homem compreende que os valores nacionais, que as soberanias, que as fronteiras e as alfândegas são valores relativos, embora verdadeiros. Com bom fundamento ou não, o fato é que as bombas de hidrogênio têm levado mais de um pensador a equacionar os problemas do mundo em função de entendimentos internacionais muito mais importantes, muito mais decisivos do que todos os acordos militares e comerciais até hoje elaborados. Verdadeiros ou falsos, o fato é que os discos voadores têm servido para despertar em nós uma espécie de solidariedade planetária. E até a mania de congressos, malgrado seus aspectos às vezes cômicos, serve para mostrar o anseio de concordia, de catolicidade, que é uma das características mais dramáticas e mais promissoras de nosso tempo. Nunca foi portanto tão inoportuna e tão insensata a política das portas fechadas. Os movimentos migratórios, no mundo

de hoje, têm significação muito mais densa do que os simples deslocamentos de populações acossadas pelos inimigos ou pela hostilidade dos elementos naturais. Têm dimensões novas e espirituais. São correntes de generosidade, fluxos de boa vontade, artérias de um novo humanismo, que não podem ser interrompidos sem grave dano para todos e sem gravíssimo dano para os povos que tomarem a iniciativa da mesquinha. O Brasil precisa cumprir bem sua obrigação perante o mundo. Não devemos esquecer um só instante que até hoje temos dado pouco em troca do que recebemos. Já lembrei, nestas colunas, que apesar de sermos oficialmente um país de maioria católica, nós recebemos de fora, de pequenos países protestantes, os sacerdotes que nos faziam. Além de importarmos máquinas, ciências e artes, importamos corações sacerdotais. E já citei também, nestas mesmas colunas, a explicação que um velho padre alemão dava de nossa carência de padres. Temos poucos padres, dizia ele, porque não mandamos missionários nossos para fora. Parece absurda essa idéia pela qual teríamos mais padres se mais enviassemos para fora. Pela lei da quantidade, a idéia é realmente doida; mas no mundo dos valores espirituais as leis são outras e não seguem as regras do quantitativo. Espiritualmente, quem mais dá mais ganha, quem mais distribui mais rico se torna e quem menos guarda mais capitaliza. As nações, se querem cooperar para um mundo melhor, têm de espiritualizar as relações e as trocas, e têm de enfrentar com determinação e coragem os paradoxos da generosidade. Por mais pobre que seja, o Brasil precisa receber os pobres das outras terras; ainda que não fosse tão visível, e até tão imediata a sua vantagem, não poderia furtar-se a esse grande dever. Um brasileiro verdadeiramente patriota não pode se conformar com a idéia de ser seu país inútil para o resto do mundo. Não somente por delicadeza de sentimentos mas também por força de uma evidência racional, o brasileiro sensato deseja que o seu país seja benéfico para o mundo. No momento, por causa de nossa pobreza cultural, não temos o consolo de saber que algum francês se curou com remédio descoberto em nossos laboratórios, ou de saber que o trabalho de uma dona-de-casa alemã se tornou mais suave graças ao engenho de um técnico nosso, ou de saber que na Patagonia ou na Groelândia alguém, por algum motivo, está agradecendo a Deus o fato de existir uma cultura brasileira. Trabalhemos para um dia chegarmos a esse glorioso resultado, mas nesse interim contribuamos com o que nos está ao alcance para manter viva e quente a corrente de generosidade. Numa coisa ao menos somos ricos. Temos oito milhões de quilômetros quadrados. Temos espaço. Diria até que temos desertos a espera de passo humano. Ou elementos naturais à espera de mão de gente. Venham pois. A pobreza nunca foi boa desculpa para a mesquinha, nem nos dias evangélicos nem nos dias de hoje. São os ricos e as remediados que alegam seus limites para não dar. O pobre, o pobre genuinamente brasileiro que vive nos morros, esquecido das autoridades, esquecido de todos, tem a porta do casebre aberta para as orfãs orfãs dos outros casebres. Adotam os filhos alheios com uma simplicidade incompreensível para nós outros que sabemos fazer cálculos aritméticos e algébricos. Dizem eles que onde vivem cinco vivem seis ou sete. Por onde se vê que nossos próprios desfalcados possuem uma filosofia mais humana, mais moderna, mais universal, do que as pessoas que sonham fechar o Brasil. O Brasil tem muita coisa ruim, principalmente na classe que o dirige; mas tem muita coisa boa, excelente, no coração de seu povo. Cuidemos de não envenenar essa reserva. Cuidemos de não incutir em nossa gente a idéia de que seus males vêm do fato de existirem outros povos mais claros e de olhos azuis. A generosidade não deve ser praticada com cálculo; mas a mesquinha não é mau lembrar que seu cálculo está errado, e que o certo, o verdadeiro cálculo é o de quem não calcula. Em outras palavras, e voltando ao primeiro aspecto da questão, diremos que nós precisamos contar com a simpatia do mundo, e não apenas com a dos turistas que vêm ver o Carnaval carioca, se queremos subsistir como nação. Os tempos não estão propícios para brincarmos com fogo e para nos divertirmos com idéias nativistas.